XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
LUGARES DOS HISTORIADORES: VELHOS E NOVOS DESAFIOS 27 A 31 DE JULHO DE 2015 FLORIANÓPOLIS - SC

A DIFUSÃO DO LAZER NA CIDADE DE SÃO PAULO: O CASO DO PARQUE SHANGHAI (1937-1968)

AUTOR: HENNAN GESSI*

Introdução

Entre o último quarto do século XIX e as primeiras décadas do século XX, São Paulo viveu um período de efervescência e transformações em diversos setores, dentre eles, econômico, urbano e político. Ao lado da expansão cafeeira, investimentos em setores urbanos, como a instalação de bancos, o incremento da manufatura, da mecanização e do comércio exportador, além da ampliação dos setores de serviços, permitindo a introdução do gás, do saneamento e da iluminação pública, abriram sendas para a atração da imigração e da penetração da mentalidade positivista, fatores, os quais, conjugados, levaram um processo de crescimento que fizeram a cidade de São Paulo assumir destaque na economia e na modernização do país (BACELLI, 1982:17).

Atrelado a tal contexto, a consequência mais impactante desta "nova" São Paulo, vista como "moderna", foi um vertiginoso crescimento populacional. No final da década de 1880, a capital paulista era constituída de uma população de aproximadamente 48 mil habitantes, sendo 25% de estrangeiros (HOMEM, 2010:128). Em 1890, a cidade já abrigava em torno de 65 mil habitantes, que passaram a 240 mil em 1900, ocorrendo uma explosão demográfica de 269% naquela década (ANTAS JR., 2010:160). Em 1920, a população de São Paulo era formada por 579 mil habitantes, ultrapassando um milhão na década de 30 (ANTAS JR., 2010:161).[2]

Diante desse cenário, o espaço urbano de São Paulo modificou-se em ritmo acelerado. Entre as décadas de 1860 e 1870 foram inauguradas as ferrovias São Paulo Railway, que em 1946 passou a se chamar Estrada de Ferro Santos - Jundiaí, e a Estrada de Ferro Sorocabana, interligando a capital a regiões do interior, e, sobretudo, ao Porto de Santos (RAMOS, 2010:27). Ainda em fins do século XIX, projetada por Joaquim Eugênio de Lima, ocorreu à inauguração da Avenida Paulista e, nas encostas de seu espigão, surgiu o bairro de

* Historiador pelo Departamento de História da EFLCH-UNIFESP. Atualmente é Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História na UNIFESP, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - Fapesp.

[2] Esses dados podem ser vistos em conjunto nas publicações do Arquivo do Estado de São Paulo: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/tematicos.php. Acesso em 10 de novembro de 2014.

Higienópolis (HOMEM, 2010:129). Nesse período aconteceu, também, a expansão da região central da cidade, com a ampliação da Avenida São João e a inauguração do Viaduto do Chá, permitindo uma melhor circulação naquele local.

A cidade, no início do século XX, já vivia a gestação do processo de "metropolização". Em 1900, os primeiros bondes elétricos, gerenciados pela empresa de origem canadense Light and Power Co Ltd., começaram a operar na capital (ULIAN, 2010:78). Além disso, o relevante surto industrial e o consequente aumento demográfico geraram uma intensa especulação imobiliária, incentivando a criação de projetos de loteamento e moradia para as distintas classes sociais que habitavam a cidade, transformando os vazios urbanos em espaços públicos de convívio e sociabilidade (ANTAS JR., 2010:161).

Dessa forma, segundo Antas Jr., os espaços públicos e comunitários paulistanos logo foram apropriados para o exercício do lúdico, do ócio e do entretenimento (ANTAS JR., 2010:161). O autor revela que, já nessa época, São Paulo possuía diversas áreas naturais propícias à prática do lazer e que as mesmas eram usufruídas e geravam demandas sociais e institucionais, observadas na difusão de clubes que praticavam regatas, futebol, entre outras modalidades esportivas (ANTAS JR., 2010:161).

A Emergência do Lazer: os primeiros espaços públicos e privados surgidos na Paulicéia

O autor Carlos Augusto da Costa Niemeyer expõe, em sua obra, **Parques Infantis de São Paulo**, que a organização e a institucionalização do lazer estão ligadas à gênese e à introdução da atividade esportiva nas sociedades urbanas (NIEMEYER, 2002:31). Niemeyer destaca que: "os primeiros confrontos esportivos, dito organizados, ocorreram a partir do século XVIII junto à aristocracia inglesa, com objetivo de proporcionar satisfação e êxtase aos seus expectadores" (NIEMEYER, 2002:31). Utilizando-se da análise da obra **A Cultura Popular na Idade Moderna**, de Peter Burke, o autor revela que as condições sociais e políticas da Inglaterra naquele período foram propícias ao surgimento do esporte entre a nobreza, que, "desprestigiada diante de um crescente declínio de seu papel militar numa corte cada vez mais guiada por códigos de civilidade," buscava justificar seus privilégios ante a sociedade (BURKE, In: NIEMEYER, 2002:31). Norbert Elias também credita a difusão do esporte na Inglaterra ao abrandamento dos ciclos de violência, sendo, este, uma possibilidade

de extravasamento de tensões sociais, inicialmente desenvolvido entre as elites, até popularizar-se entre as outras classes durante o século XIX (ELIAS, 1992:42).

Segundo Niemeyer, os primeiros esportes difundidos além da fronteira inglesa foram as corridas de cavalo, o pugilismo e a caça à raposa. Posteriormente, na segunda metade do século XIX, o futebol e o tênis foram as principais modalidades responsáveis pela expansão de um padrão de esporte de abrangência global (NIEMEYER, 2002:33). O autor ressalta que tal difusão evidencia: "o alcance do imperialismo cultural inglês em sua larga esfera de influência, surgindo o esporte como uma imposição de novas formas de vida às elites urbanas" (NIEMEYER, 2002:33).

Destarte, a ascensão da cultura esportiva em São Paulo configura-se ainda no século XIX. João Fernando Ferreira, no livro **A Construção do Pacaembu**, caracterizou o início dessa difusão na "Pauliceia", definindo:

> *"Entre os últimos anos do século XIX e as primeiras décadas do século XX, a cidade de São Paulo vivenciou um intenso movimento esportivo. A princípio, assistiu-se a uma sucessão de modismos importados da Europa, todos de caráter elitista e de inspiração amadora".* **(**FERREIRA, 2008:19).

Naquela época, o turfe surgia como a primeira grande modalidade na cidade com a construção do Hipódromo Paulistano, em 1879, no bairro da Mooca, mas caíram no gosto paulista também o críquete, a patinação e o ciclismo, este último, o principal fator motivador para a inauguração do Velódromo de São Paulo, em 1892, na região central da cidade.[3]

Na virada do século XVIII para o XIX, por determinação régia e financiado por meio de donativos oficiais, ocorreu a criação do primeiro grande parque da cidade de São Paulo: o Horto Botânico (KLIASS, 1993:65). Batizado oficialmente como Jardim da Luz, em 1916, pela Diretoria de Obras e Viação Pública, o Horto foi aberto ao público em 1825, ficando conhecido, desde então, como Jardim Público, diante da utilização de seu espaço para atividades recreativas (KLIASS, 1993:65). No entanto, Kliass coloca que o marco definitivo da utilização do Jardim Público como área de recreação está atrelado ao período em que João

[3] O Velódromo de São Paulo foi um empreendimento privado pioneiro do lazer idealizado pela tradicional família Prado. Tommazzo Bezzi foi responsável pela criação de seu projeto e Giuseppi Valori o executor da obra. A estrutura do Velódromo era composta por uma raia elíptica que media 380 metros de comprimento, por oito de largura; duas arquibancadas cobertas, dispostas paralelamente, com capacidade total de duas mil pessoas; um jardim configurado ao centro da raia, que posteriormente foi utilizado para implantação do campo de futebol; uma quadra de tênis e tanques para banho (GONÇALVES JUNIOR, 2008:19). Ou seja, um equipamento multimodal de lazer.

Teodoro Xavier presidiu a Província de São Paulo no início da década de 1870, realizando reformas significativas em seu espaço, dentre elas, a implantação de um sistema de canalização de águas; a construção da Torre do Observatório, que serviu como central meteorológica até o final do século quando foi desativada e demolida; a inauguração de um bar-café; além de melhorias estéticas em seu interior (KLIASS, 1993:72). A autora destaca, também, as corridas de cavalo e os concertos musicais como atividades que atraíram relevante público ao Jardim, naquela época (KLIASS, 1993:85). Segundo Rosa Kliass, em meados da década de 1910, a utilização do espaço do Jardim Público acaba diminuindo consideravelmente, sobretudo diante das intensas transformações urbanísticas ocorridas em São Paulo, que propiciaram o surgimento de novos ambientes de lazer e novas áreas verdes. (KLIASS, 1993:87).

A difusão dos parques na capital paulista está conectada aos cenários europeu e norte-americano de meados do XIX, marcados pelo surgimento de movimentos e propostas que promoveram a ampliação deste ambiente de lazer nas cidades. Segundo Rosa Grená Kliass:

> *"Já no final do século XVIII, na Inglaterra, o parque surge como um fato urbano de relevância, atingindo, porém, seu pleno desenvolvimento quase cem anos depois. Entre as décadas de 1850 e 1860, a inserção dos parques nas estruturas urbanas ganha corpo na Europa, com ênfase maior para a França, especificamente por ocasião do plano de reformulação do centro de Paris, idealizado pelo Barão Georges-Eugène Haussmann, prefeito do Sena no período de Napoleão III. Já nas Américas ressalta-se a instauração do Movimento de Parques Americanos, liderado pelo arquiteto-paisagista Frederick Law Olmsted, que vai dotar de parques um número significativo de cidades americanas".* (KLIASS, 1993:19).

Para Kliass, a eclosão dos parques públicos será uma resposta às demandas de equipamentos para atividades de recreação e lazer, num contexto de crescente expansão urbana, pautada pelo novo ritmo industrial (KLIASS, 1993:19).

Assim sendo, em vista das transformações ocorridas nas cidades, segundo Niemeyer:

> *"A proeminência de novas formas de produção e a expansão dos mercados e da renda propiciaram novas formas de organização política e social, atingindo as populações urbanas que foram alçadas ao consumo capitalista. Dessa maneira, o mercado de massas ampliou-se em escala global, resultando na criação de uma cultura de massas, que, por sua vez, fomentou a indústria dos lazeres".* (NIEMEYER, 2002:26).

Esse processo foi de fundamental importância para o início das reflexões em torno da questão da regulamentação do lazer e da consequente luta e conquista do tempo livre pela classe trabalhadora:

> *"A dialética envolvendo tempo livre x tempo de trabalho acompanhará de perto a exploração capitalista do trabalho, perspectiva que somente começará a ser alterada a partir do final dos oitocentos, quando se assistirá na Europa a um declínio da visão conservadora de ociosidade com a valorização do lazer a partir da laicização do tempo livre e da regulamentação da jornada de trabalho".* (NIEMEYER, 2002:36).

Maria Lucia Caira Gitahy, diante desse contexto, coloca que "toda uma reforma das mentalidades estava em curso" (GITAHY, In: NIEMEYER, 2002:12). Isso fica evidente não somente no cenário europeu, uma vez que o sindicalismo francês foi uma das inspirações para os movimentos operários do Rio de Janeiro e de São Paulo nas primeiras décadas do século XX. Contudo, a consolidação das reivindicações trabalhistas demandou um longo e árduo caminho, marcado por resistências, greves e prisões perpetradas aos que ousassem desafiar as leis do capital (NIEMEYER, 2002:36). Ou seja, o reconhecimento da concessão de tempo livre aos trabalhadores ocorreu em um contexto conflituoso, por meio de um rígido controle social das instituições vigentes, que objetivando preservar a mão-de-obra para o "bem do progresso industrial" e difundir valores de higiene e moralidade buscou mecanismos que amenizassem os antagonismos do capital (NIEMEYER, 2002:27).

Logo, políticas assistenciais e espaços de lazer emergiram. Ações de saneamento e saúde pública passaram a beneficiar regiões de moradias populares. Além disso, em decorrência dos problemas ambientais advindos do industrialismo, propostas de reformas sociais foram elaboradas (NIEMEYER, 2002:26). Dessa forma, desponta o Movimento Higienista, que pautado pelo sanitarismo e apoiado pela ciência, promoveu uma série de ações no espaço urbano, surgindo, inclusive, uma valorização dos parques como espaços apropriados de lazer higiênico e moralizador (MELOSI, 2000). Determinada a relevância dos parques na questão da saúde pública, sua funcionalidade também passou por uma transformação. O lazer ativo, voltado às massas, condicionou o modelo dos novos parques desenvolvidos, substituindo o antigo modelo inspirado na contemplação. Desse modo, a

estrutura dos mesmos passou a priorizar grandes vias internas destinadas para passeios e áreas para prática de esportes e recreação em geral[4] (NIEMEYER, 2002:29).

No processo de expansão dos ambientes de lazer e das áreas verdes, sucedido desde o final do século XIX, em São Paulo, pode-se ressaltar também a contribuição da iniciativa privada. Rosa Kliass, na obra **Parques Urbanos de São Paulo**, exibe os casos do Parque Villon e do Jardim da Aclimação. Segundo a autora, o Parque Villon, denominado, atualmente, Parque Siqueira Campos, inaugurado em 1892, foi idealizado e implantado por empreendedores imobiliários da região do Alto Caagaçu, que tinham como pretensão a valorização do entorno dessa localidade. Kliass destaca que o Villon funcionou como parque privado até 1911, tornando-se público após a aquisição da Prefeitura de São Paulo, na gestão Barão de Duprat (KLIASS, 1993:141). O Jardim da Aclimação foi fundado pelo médico Carlos José Botelho, em 1892 (KLIASS, 1993:155). Segundo Kliass, Botelho, que se formou médico em Paris, ao voltar para o Brasil, acabou abandonando a medicina em função de seu interesse por atividades agropecuárias e sua inserção na política. Inspirado pelo modelo francês do "*Jardin d' Acclimatation*", fundou na cidade de São Paulo um parque designado à criação e aclimatação de animais e plantas (KLIASS, 1993:155). Na década de 20, período áureo do Jardim da Aclimação eram oferecidas diversas de atrações de recreação, entre elas, botes de aluguel, remo, natação, salão de baile, restaurante, barracões para piqueniques, conjuntos musicais, rinque de patinação, feira de diversões e zoológico, reunindo grandes públicos em seu espaço (KLIASS, 1993:155). Em 1939, durante a administração de Prestes Maia, o Jardim da Aclimação foi adquirido pela Prefeitura de São Paulo em vista da implantação do Plano de Avenidas, fator que provocou uma considerável redução de seu tamanho (KLIASS, 1993:157).

No âmbito da ascensão do lazer na sociedade, ampliando-se cada vez mais os espaços para sua prática e, por consequência, atraindo um maior fluxo de pessoas, novas perspectivas se estabeleceram. Uma das tendências de maior impacto nesse campo, que despontou no

[4] O Central Park de Nova Iorque, projetado pelo arquiteto Frederick Law Olmsted, inaugurado em 1858, foi um dos pioneiros deste novo modelo de parque. Acredita-se que por volta de 1870, o Central Park já recebia nos fins de semana um público de aproximadamente 50 mil pessoas (LAURIE, 1983:101).

século XIX, sobretudo nos EUA, foi a dos parques de diversões.[5] Alguns estudos apontam que a idealização e consequente implantação deste espaço de lazer em território estadunidense ocorreu em função da ociosidade das estações de trem nos finais de semana. Assim sendo, diante do desejo de aumentar a circulação de pessoas nos trilhos, efetivaram-se uma série construções de parques de diversões nos terminais de transportes (Disponível em: www.italpark.pt/index.php?lid=1&page=history. Acesso em 15 de junho de 2014).

Sendo assim, o local mais emblemático em que emergiram empreendimentos voltados ao lazer foi a Ilha de *Coney Island*, localizada no *Brooklyn*, em Nova York. O autor Rem Koolhaas, na obra **Nova York Delirante** retrata o surgimento, além das inúmeras inovações criadas pelos parques de diversões da Ilha, naquele período. Segundo Koolhaas, o primeiro parque se configurou após a implantação e o instantâneo sucesso de uma pista mecanizada de corrida de cavalo com obstáculos:

> *"A Steeplechase é uma pista de corrida automática cuja força motriz é a gravidade; seus cavalos se assemelham, em tamanho e formato, a cavalos de corrida. De construção sólida, podem, até certo ponto, ser controlados pelo cavaleiro, que pode acelerar ou desacelerar à medida que ele distribui seu peso em cima do cavalo e se prepara para subir e descer os desníveis da pista, transformando cada disputa numa verdadeira corrida".* (KOOLHAAS, 2008:58).

Koolhass revela que George Tilyou[6], motivado pelo sucesso da pista de cavalos e inspirado no Parque *Midway Plaisance*, que serviu como centro de diversões durante a Exposição da Feira Mundial[7] de Chicago, em 1893, investiu em novas atrações, construindo uma área de diversão formalizada como um parque em 1897, por meio da implantação de um muro em torno dos brinquedos (KOOLHAAS, 2008:59).

Menos de uma década depois, Frederic Thompson e Elmer Dundy abriram o Luna Park, que se distinguia de seu antecessor por ter um caráter temático:

> *"Ao entrar no Luna Park, as multidões se transformavam em astronautas numa câmara de vácuo conceitual, por onde todos têm de passar. A viagem à lua se dava*

[5] Os parques de diversões são oriundos das feiras europeias. Há evidências de que o parque de diversões mais antigo do mundo, denominado Baken, surgiu em Copenhague em 1583. (Disponível em: www.italpark.pt/index.php?lid=1&page=history. Acesso em 15 de junho de 2014).

[6] Fundador do Steeplechase Park nasceu em Nova York, em 1862. George Tilyou era filho de Peter Tilyou, pioneiro do Surf House, outro empreendimento de sucesso na época em Coney Island. http://www.westland.net/coneyisland/articles/steeplechase1.htm. Acesso em 07 de maio de 2014.

[8] A primeira Feira Mundial foi realizada em 1851, na cidade de Londres, inspirada na divulgação das benesses da industrialização. Este evento, de caráter efêmero e itinerante, já foi sediado em vários países, sendo a última Feira realizada em 2012, na cidade de Yeosu, situada na Coréia do Sul.

> *na Aeronave Luna IV(...). Uma vez a bordo da grande nave, suas asas enormes sobem e descem, a viagem começa e a nave logo passa trinta metros de altura. Uma ampla e sensacional vista do mar que banha Manhattan e Long Island parece ir sendo reduzida à medida que a aeronave vai subindo. (...) As casas vão diminuindo até que a Terra some de vista enquanto a Lua aumenta cada vez mais de tamanho. Ao passar sobre o satélite lunar, vê-se a natureza árida e desolada de sua superfície. A aeronave pousa suavemente, os passageiros desembarcam e entram nas cavernas frias da Lua".* (KOOLHAAS, 2008:58).

Em um curto período, o Luna Park ampliou e modernizou sua estrutura e atrações, distribuídas por uma área de 15 hectares, onde mais de mil funcionários ofereciam suporte ao público, atraindo milhões de pessoas durante sua existência[8](KOOLHAAS, 2008:64).

Os êxitos desses empreendimentos da Ilha *Coney Island*, influenciaram a abertura de novos parques de diversões em todo mundo. No Brasil, há evidências da existência desse tipo negócio já nos primórdios década de 1910, sendo um exemplo, o Parque Fluminense[9], localizado no Rio de Janeiro:

> *"Este elegante parque do Largo do Machado, que conseguiu outrora ser o centro do mundo elegante pelas reuniões agradáveis que sabia organizar, vae reabrir-se por todo este mez com os mesmos intuitos. Será um parque de diversões moldado nos melhores existentes do velho mundo. Entre outros numerosos de attrações para gente de todas as edades fizeram o cinematographo, patinação, bailes infantis, conferencias humorísticas e corridas de bicycletas para crianças, com premios lindissimos. Quem está à frente dessa iniciativa promette leva-la a bom termo, com sucesso garantido: é um ex- gerente de um dos nossos mais frequentados cinemas. Para dar margem de sua actividade e feitio especial já conseguiu que as fitas passadas nos cinamatographos da Avenida sejam no mesmo dia apreciadas por quantos forem ao Parque Fluminense".* (JORNAL DO BRASIL, 1912:15)

[8] O Luna Park foi vítima de alguns incêndios na década de 40 e acabou fechando em 1946.

[9] O Parque Fluminense era um dos empreendimentos de lazer do imigrante italiano Paschoal Segreto, que chegou ao Brasil em 1883. Segreto, conhecido especialmente por ser um dos pioneiros do cinema no Brasil, montou a primeira sala de exibição de filmes permanente do país, em 1897, na cidade do Rio de Janeiro. Além da importância no campo cinematográfico, Paschoal Segreto teve um papel importante na montagem de casas de divertimento e no campo teatral. Um de seus maiores empreendimentos foi a Maison Moderne, local que agregava várias formas de entretenimento em um mesmo espaço. O estabelecimento era um parque de diversões que contava com galeria de tiro-ao-alvo, roda-gigante, montanha-russa e um pequeno teatro. (MARTINS, 2004:28)

Ainda na década de 1910, em São Paulo, houve uma solicitação para implantação de um parque de diversões[10] na região do Anhangabaú, negada pelo poder público:

> *"Cicero da Silva Prado e Eduardo da Fonseca Cotching, no intuito de dotar a cidade de um parque de diversões públicas do gênero Luna-Park, pedem-lhes que seja concedida, pelo prazo de 20 annos, toda a sorte de terrenos adquiridos pelo governo, no Valle do Anhangabahú, e isenção de impostos municipaes. Uma vez que os terrenos pedidos são necessários e já estão destinados a um plano assentado de melhoramentos do dito Valle, a Commissão da Justiça não aconselha o deferimento da petição*". (JORNAL CORREIO PAULISTANO, 1914)

O Parque Shanghai

Em novembro de 1919, no Rio de Janeiro, surgiu o Parque Shanghai (RIBEIRO, 2012:96). Fundado pelos sócios Gaspar Zaragueta[11]e Manoel Caballero, este Parque, em princípio itinerante, emergiu em meio as diversas feiras, exposições e comemorações que ocorriam no país, nesse período. (RIBEIRO, 2012:96). Um Anúncio publicado no Jornal **A Noite** destaca sua ampla presença em território brasileiro:

> *"A sua presença na grande exposição do Cinquentenário da Imigração Italiana, nas Feiras de Amostras do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, nas cinco Feiras Nacionais de Indústrias em São Paulo, nas festas de mocidade de Recife, Bahia, São Paulo, nos principais festejos e comemorações do Brasil (...) demonstram sua perfeita organização, capacidade e preferência. 100 aparelhos modernos em diversos conjuntos, pelo Brasil, para divertir o nosso povo".* (A NOITE, 1953)

Contudo, existiram também unidades fixas do Parque Shanghai no Brasil, localizadas no Rio de Janeiro, inicialmente na região da Quinta da Boa Vista, sendo transferida,

[10] Nos anos 20, inúmeros parques de diversões surgiram tanto no estado como na cidade de São Paulo. Entre eles, pode-se frisar o parque de diversões do Gonzaga, localizado em Santos, de Turíbio Gimenez, que se destacava pela promoção de ações beneficienetes em seu espaço (CORREIO PAULISTANO, 24/04/1925: 6); um parque de diversões em Ribeirão Preto ligado a Empresa Ciciola (CORREIO PAULISTANO, 25/10/1926: 9); e os parques de diversões montados nas Feiras Industriais ocorridas no Palácio das Indústrias na capital. (CORREIO PAULISTANO, 07/11/1926: 1)

[11] Empreendedor do setor de lazer, Dom Gaspar José Luis Zaragueta era proprietário dos parques Retiro e Rodó, localizados em Buenos Aires e Montevidéu respectivamente. Zaragueta costumava viajar por diversos países, sobretudo da América e da Europa, em busca de novos equipamentos e atrações de parques de diversões para oferecer em seus empreendimentos. (FOLHA DA MANHÃ, 16/05/1952: 9) O empreendedor acreditava que o lazer era dinâmico, pois o público sempre ansiava por novas emoções. (CORREIO PAULISTANO, 22/07 1937: 5). Faleceu, em Barcelona, em 1952, aos sessenta anos de idade. (FOLHA DA MANHÃ, 17/08/1952: 2).

posteriormente, para a Penha,[12] e São Paulo, na região do Parque Dom Pedro II[13], área central da cidade (RIBEIRO, 2012:96).

Notícias publicadas no jornal **Correio Paulistano** evidenciam a presença do Parque Shanghai desde 1937 na cidade de São Paulo.[14] Ainda itinerante, este foi montado na exposição comemorativa do cinquentenário da imigração oficial, realizada no Parque Dom Pedro II:

> *"Segue hoje para Paris o Sr. Gaspar Zaragueta, director-proprietário do grande parque de diversões que está funccionando no recinto da exposição commemorativa do cinquentenario da immigração oficial, no Parque D. Pedro II. O Sr. G. Zaragueta que ha mais de cinco annos dedica suas actividades commerciaes em nosso paiz, realiza a actual viagem com o intuito de adquirir novas diversões destinadas ao publico brasileiro. Deve-se ao Sr. G. Zaragueta a apresentação ao nosso publico das mais modernas diversões como o "Water Shoot", "Autodromo", "Looping the Loop", "Bicho da Seda", "Dangler" e uma infinidade de outras que*

[12] Em 1958, o Parque Shanghai mudou da região da Quinta da Boa Vista se instalando no Bairro da Penha, próximo ao Santuário de Nossa Senhora da Penha de França, onde permanece até hoje. (RIBEIRO, 2012, p.96). Segundo o Jornal Diário da Noite, o Parque Shanghai saiu da Quinta da Boa Vista devido a implantação de um projeto de remodelação urbana naquele local. (DIÁRIO DA NOITE, 14/08/1958:2).

[13] Segundo Rosa Kliass, um Termo de Vereança produzido no final do século XVIII aponta que desde esse período na região da Várzea do Carmo, local em que se instalou o Parque Dom Pedro II, existem indícios do desenvolvimento de atividades recreativas (KLIASS, 1993:113). Nas primeiras décadas do século XIX, documentos da Câmara revelam que, sobretudo durante o verão, a população paulistana costumava banhar-se nas águas do Rio Tamanduateí, localizado nessa região. Contudo, essa atividade acabou sendo proibida na segunda metade deste século, sendo severamente reprimida pelas autoridades locais (KLIASS, 1993:114). Em fins do XIX, essa região também foi uma das primeiras a sediar jogos de futebol, inclusive o termo "futebol de várzea" é oriundo das partidas que se desenvolviam em seu espaço (FERREIRA, 2008:31). A implantação do primeiro parque na Várzea do Carmo ocorreu também no século XIX, durante o governo João Teodoro, denominado Ilha dos Amores, este era coberto por jardins e possuía instalações para banho, contudo acabou abandonado em decorrência da obstrução do canal que o separava da Rua 25 de março para dar lugar ao Mercado de Peixe. (KLIASS, 1993:112). Na década de 1910, durante o período em que Raimundo Duprat esteve à frente da Prefeitura de São Paulo, o engenheiro-paisagista francês Joseph Bouvard foi convidado para avaliar os planos de melhoramentos urbanos e viários da cidade e acabou elaborando um projeto para criação de um grande parque na região da Várzea do Carmo, no entanto, a execução desse projeto, que ficou a cargo do arquiteto-paisagista E.F. Cochet, teve início apenas na gestão seguinte, quando Washington Luís se tornou Prefeito da capital paulista (KLIASS, 1993:14). O desfecho da obra e a escolha do nome Dom Pedro II, se dão no início da década de 20, quando o Prefeito da Cidade era Firmiano de Morais Pinto (KLIASS, 1993:120). Após a entrega da obra, Kliass ressalta que alguns elementos previstos no projeto não foram executados, entre eles, a implantação de espaços e equipamentos esportivos (KLIASS, 1993:125). No final da década de 1960, na gestão de Faria Lima, em função da implantação de uma série de obras viárias no espaço em que Parque Dom Pedro II estava estabelecido, este acabou desaparecendo (KLIASS, 1993:130). Essa obra também decretou o fechamento do Parque Shanghai de São Paulo, pois este se localizava no entorno do Parque Dom Pedro II

[14] Antes de chegar à cidade de São Paulo em meados de 1937, o Parque Shanghai esteve presente na Grande Exposição-Feira Comemorativa do Centenário do Nascimento de Carlos Gomes, em 1936, na cidade de Campinas. (CORREIO PAULISTANO, 23/12/1936:11). Além disso, o Shanghai também participou da Exposição-Feira Agropecuária e Industrial ocorrida em Ribeirão Preto, no mês de fevereiro de 1937 (CORREIO PAULISTANO, 07/02/1937).

> *estão obtendo o maior successo no actual certame paulista".* (CORREIO PAULISTANO, 1937:9)

No início da década de 1940 o Parque Shanghai tornou-se atração em eventos como a Feira Nacional de Indústrias, ocorrida no bairro da Água Branca, e os festejos de Carnaval promovidos na "Cidade da Folia,"[15] no Parque Antarctica, localizado no mesmo bairro:

> *"Amanhã, um domingo grande dentro das grandes realizações do carnaval paulista deste ano, novos bailes e novas festas, especialmente para crianças, esses foliõezinhos denodados que não querem perder sua oportunidade de brincar. Lá na "Cidade da Folia", uma cidade dentro da cidade de São Paulo, a garotada terá à sua disposição, gratuitamente, o Parque Shangai".* (FOLHA DA MANHÃ, 1941:2)

Em 1945, por meio de um alvará de funcionamento concedido pelo Prefeito Abraão Ribeiro e patrocinada pela Sociedade Rural Brasileira se instalou a Grande Exposição Agrícola-Industrial e Comercial, às margens do Rio Tamanduateí, ocupando parte do Parque Dom Pedro II (JORNAL DE NOTÍCIAS, 1949: 16). Pouco tempo depois, anexo a esta feira, na Rua da Mooca, esquina com a Glicério, as atrações do Parque Shanghai tornaram-se mais um atrativo local, permanecendo neste endereço até 1949(JORNAL DE NOTÍCIAS, 1949: 5).

Durante a permanência do Shanghai neste endereço, uma série de eventos foram promovidos em seu espaço, consolidando-o, embora não apenas como parque de diversões, mas também como um grande recinto de cultura. Apresentações de artistas como Grande Othelo, Adoniram Barbosa, Ataulfo Alves e Pagano Sobrinho e de companhias circenses nacionais e internacionais aconteceram nas dependências do Parque naquela época.

Contudo, o tempo em que o Parque Shanghai ocupou este local também foi permeado por conflitos, dentre eles, a cobrança de preços abusivos para se ter acesso às atrações oferecidas (JORNAL DE NOTÍCIAS, 1947:12), a incidência de jogatinas irregulares em seu ambiente e o desrespeito ao prazo de locação do espaço em que estava instalado (JORNAL DE NOTÍCIAS, 1949:16), o que culminou com a retirada de seus equipamentos pela Prefeitura alguns meses após o não cumprimento da determinação para deixar o local. Este

[15] No fim dos anos 30 a Companhia Antarctica passou a promover concursos carnavalescos no Parque Antarctica, instituindo ali a "Cidade da Folia". Para os sambistas da época, esse espaço tornou-se o principal centro de atividades do carnaval paulistano, tanto que algumas rádios chegaram a promover ou a ajudar os festejos ocorridos neste local. http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/sons_da_velha_metropole.html. Acesso em 07 de maio de 2014. Outras instituições se envolviam também com o carnaval de São Paulo naquela época, entre elas, as Grandes Indústrias Minetti-Gamba, produtora de farinha, sabão e óleo, que promovia seus produtos por meio da distribuição de convites para a utilização do Parque Shanghai na "Cidade da Folia" durante essa festividade. (FOLHA DA MANHÃ, 1941:2).

último conflito gerou consequências negativas para os proprietários do Shanghai e para o poder público, que ainda travaram discussões sobre valores que os locatários deveriam destinar à Prefeitura para recuperação da área ocupada por anos pela empresa de diversões (JORNAL DE NOTÍCIAS, 1949:8). Todavia, não se pode deixar de apontar consequências difíceis para moradores de uma favela localizada no entorno dessa região, expulsos arbitrariamente em função dos intresses do Parque, que alugou um terreno nas proximidades de sua antiga sede, pertencente ao Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, onde essas moradias estavam alocadas:

> *"Verdadeira cena de vandalismo vem sendo praticada pelos proprietarios do Parque Shangai, que visando seu interesse imediato, determinaram a destruição imeadiata de "favela" existente na Rua Glicério, esquina da rua da Mooca, pondo em povorosa dezenas de famílias, que foram atiradas ao relento, de uma hora para outra e sem ter para onde ir".* (JORNAL DE NOTÍCIAS, 1949:10)

Removido do local onde estava estabelecido há, pelo menos, quatro anos, menos de três meses depois, o Parque Shanghai foi reaberto na Rua Glicério, esquina da Avenida do Estado. O curioso dessa reabertura ficou por conta da parceria entre Shanghai e a entidade Bandeira Paulista Contra a Tuberculose na promoção de uma campanha:

> *"Hoje o Parque Shangai fará sua reabertura, na Rua Glicério, esquina da Avenida do Estado, fazendo funcionar todos os seus divertimentos e no palco do auditório dar-se-á a apresentação da conhecida dupla radiofônica Ouro e Prata e cômico Fasolim, do Cartório de Protestos". (...) "Prestigiando a campanha que vem encetando a "Bandeira Paulista Contra a Tuberculose" a direção do Shangai resolveu destinar a renda integral da função de hoje em beneficio dessa instituição".* (JORNAL DE NOTÍCIAS, 1950:4)

Neste novo endereço, o Parque Shanghai continuou promovendo suas atividades de lazer, cultura e entretenimento até ser decretado seu fechamento, diante da construção de um conjunto de viadutos no espaço em que estava estabelecido:

> *"Para permitir a urbanização de toda a zona do Glicério, na confluência da Rua da Mooca com a Av. do Estado, está sendo desmontado o famoso Parque Shangai, que durante aproximadamente 25 anos proporcionou entretenimento a crianças e jovens. Na grande área de aproximadamente 18 mil m^2 de propriedade da prefeitura e do INPS, vão surgir três audaciosos viadutos que visam a permitir melhoria das comunicações nesse trecho da cidade, em particular na parte em que se situa entre as avenidas do Estado e Rangel Pestana, Rua do Glicério e Córrego do Tamanduateí".* (FOLHA DA MANHÃ, 1968:8)

Entre os eventos acontecidos no Shanghai, da década de 1950, até o encerramento de suas atividades, destacaram-se, novamente, apresentações musicais e de companhias circenses, além de festas juninas; festas promovidas por empresas privadas como Mappin, Folha de São Paulo e Rádio Record; e gravações de discos e filmes.

Conclusão

A palavra lazer é originária do Latim *licere*, significando "ser lícito". "Lazer" é definido, no Dicionário Aurélio, como: "s.m. 1. ócio, descanso, folga, vagar. 2. Tempo de que se pode livremente dispor, uma vez cumpridos os afazeres habituais. 3. Atividade praticada nesse tempo; divertimento, entretenimento, distração, recreio" (FERREIRA, 2010:1246). Todavia, não podemos deixar de notar que a ideia de "licitude" ancora a prática numa consequência de regramento das atividades física, espiritual, emocional e até mesmo intelectual do trabalhador ao entendimento do que o patrão julgava apropriado. Telma de Barros Correia, estudiosa das dimensões do cotidiano alteradas pela emergência da grande indústria, nos alerta que:

> *"O núcleo fabril é concebido como uma extensão da fábrica, como um segmento diferenciado da produção: a reprodução da força de trabalho. É a cidade da produção e do preparo do trabalhador para a produção. Nele, não há lugar para o ócio – entendido como algo que induz aos vícios e à vagabundagem – e para o prazer desregrado – que esgota as forças e compromete o orçamento do trabalhador. Promoviam-se, ao contrário, atividades de regeneração das energias para o trabalho, submetidas ao controle da fábrica. Favorecia-se a prática de esportes sadios e submetidos a regras, como o futebol, de atividades que desenvolvem atividades manuais – como o bordado – e de espetáculos de conteúdo moralizante nos teatros e cinemas. O lazer promovido, além de ser uma atividade julgada útil, deveria ser – e isso parece o essencial – visível e coletivo".* (CORREIA, 1998:135-136).

O lazer[16] é, então, uma forma de permitir atividades "inocentes" e "regradas" à classe laboriosa (CORREIA, 1998:135). Curiosamente, o capitalismo também o elevou a uma forma

[16] Esta preocupação com a epistemologia do lazer, também poderá ser entendida pela leitura suscitada pelas obras de Joffre Dumazedier e José Vicente de Andrade, que procuram definir as bases conceituais do lazer e o contexto em que este se insere na sociedade. Enquanto Dumazedier acredita que lazer é o conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode se entregar de livre vontade, porém após o cumprimento das obrigações pessoais e profissionais (DUMAZEDIER, 1976), Andrade revela que lazer é o exercício da ocupação pessoal com o descompromisso do tempo, não vinculando o mesmo a alguma obrigação precedente (ANDRADE, 2001:51).

de obtenção de lucros, as quais foram revestidas de várias tintas, incluindo-se aí, os Parques de Diversões. Dessa maneira, entre os últimos anos do século XIX e as primeiras décadas do século XX, o lazer foi cada vez mais estimulado nas sociedades, associado às conquistas no campo do trabalho e à ampliação do consumo. Além disso, nesse período, a questão do lazer foi temática de discussões de relevantes eventos no campo do urbanismo, dentre eles, o IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), que inspirou a criação da Carta de Atenas, cuja versão mais conhecida foi redigida por Le Corbusier em 1933, ressaltando a importância da utilização do espaço da cidade para essas atividades:

> *"Deve ser estabelecido um programa de entretenimento comportando atividades de todo o tipo: o passeio, solitário ou coletivo, em meio à beleza dos lugares; os esportes de toda natureza: tênis, basquete, futebol, natação, atletismo; os espetáculos, concertos, teatros ao ar livre, jogos de quadra e torneios diversos".* (LE CORBUSIER, 1993, p.39).

Contudo, apesar do gradual reconhecimento da importância do lazer, diversos conflitos emergiram em sua trajetória, frutos das relações sociais, políticas e econômicas concebidas nas cidades. Destarte, observando a configuração atual dos espaços de lazer da capital paulista percebem-se inúmeros antagonismos em seu cotidiano, não se restringindo apenas à notável falta de espaços adequados para o desfrute,[17] mas também a fatores como a dificuldade de acessibilidade, tanto por questões de localização e deslocamento, devido à má distribuição das áreas de lazer pela cidade - que possui um conturbado sistema de transporte público -, quanto por motivos econômicos, em razão dos elevados preços de várias atrações que divergem do poder aquisitivo de uma imensa maioria. Atualmente, ainda se pode incluir a questão da violência urbana, que inibe a procura dos habitantes por locais para proveito de seu tempo livre.

Assim, entende-se que o cenário contemporâneo do lazer é um reflexo dos embates que estão historicamente configurados no processo de urbanização de São Paulo. Inserido nessa dinâmica, está o Parque Shanghai, objeto desse artigo, surgido em um contexto de ampliação das demandas de lazer diante da vertiginosa expansão da capital paulista, porém,

[17] Matéria publicada no Jornal O Estado de São Paulo revela que segundo a Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente a mancha urbana de São Paulo tem 2,6 metros quadrados em média de área pública verde de lazer por pessoa, enquanto o índice internacional, indicado como Ideal, é de 12 metros quadrados por pessoa. http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,sp-tem-so-2-6-m-de-verde-por-pessoa,872978. Acesso em 07 de maio de 2014

desapropriado, em decorrência desse mesmo crescimento desenfreado, dando lugar a obras viárias que objetivavam melhorar a circulação da cidade, marcada por problemas desde as primeiras décadas do século XX.

Dessa forma, entende-se que em virtude de tornar a vivência no espaço urbano paulistano viável, uma série de políticas públicas foram implementadas, todavia, o lazer não era algo prioritário, sendo por diversas vezes suprimido, tendo em vista outros interesses. Apesar disso, durante o tempo em que existiu, o Parque Shanghai se destacou no cenário do lazer paulistano, promovendo eventos grandiosos e mobilizando públicos expressivos que buscavam contemplar as atrações inovadoras que esse empreendimento concebido pela iniciativa privada proporcionou em sua época.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, José Vicente de. **Lazer: princípios, tipos e formas na vida e no trabalho.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ANTAS JR, Ricardo Mendes. "O Lazer Paulistano em Diferentes Fases de Modernização da Cidade". In CAMARGO, Ana Maria de A.(Org.). **São Paulo, Metrópole em Mosaico.** São Paulo: CIEE, 2010.

BACELLI, Roney. **Jardim América. História dos Bairros de São Paulo**, **Prefeitura do Município de São Paulo.** São Paulo: SMC, 1982.

CAMPOS, Candido Malta**. Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo.** São Paulo: SENAI, 2002.

CORBUSIER Le. **A Carta de Atenas.** São Paulo: Hucitec Edusp. 1993

CORREIA, Telma de Barros. **Pedra: Plano e Cotidiano Operário no Sertão**. 1.ed. Campinas: PAPIRUS, 1998.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular.** São Paulo: Perspectiva, 1976.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação.** Lisboa: Difel, 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 5.ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, João Fernando. **A Construção do Pacaembu.** São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GINZBURG, C. "Sinais: raízes de um paradigma indiciário". In: **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GONÇALVES JUNIOR, René Duarte. **Friedenreich e a reinvenção de São Paulo: o futebol e a vitória na fundação da metrópole.** (Dissertação de Mestrado – História Social) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2008.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. "Higienópolis: Esboço Histórico". In CAMARGO, Ana Maria de A.(Org.). **São Paulo, Metrópole em Mosaico.** São Paulo: CIEE, 2010.

KLIASS, Rosa Grena Alembick. **Parques Urbanos de São Paulo.** São Paulo: Pini, 1993.

KOOLHAAS, Rem. **Nova York Delirante**: **um manifesto retroativo para Manhattan.** São Paulo: Cosac & Naify, 2008.

LAURIE, Michael. **Introducción a la arquitectura del paisaje.** Barcelona: Gustavo Gilli, 1983.

MARTINS, William de Souza Nunes. **Paschoal Segreto: "ministro das diversões" do Rio de Janeiro (1883-1920).** (Dissertação de Mestrado – História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2004.

MELOSI, Martin. V. **The Sanitary City: Environmental Services in Urban America from Colonial Times to the Present.** Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2000.

MONTEIRO, Lívia Nascimento. **Entre escolhas e incertezas: a utilização da Abordagem Micro-analítica na História Social**. Juiz de Fora: Clio Edições, 2008.

NIEMEYER, Carlos Augusto da Costa. **Parques Infantis de São Paulo: lazer como expressão de cidadania.** São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002.

RAMOS, Aluísio Wellichan. "Da Vida de Bairro à Morte do Bairro: historicidade e espacialidade da Água Branca". In CAMARGO, Ana Maria de A.(Org.). **São Paulo, Metrópole em Mosaico.** São Paulo: CIEE, 2010.

RIBEIRO, Vanessa Costa. **Várzea do Carmo a Parque Dom Pedro II: de atributo natural a artefato.** (Dissertação de Mestrado – História Social) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2012.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **A formação da classe operária inglesa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ULIAN, Flávia. “Transporte em São Paulo: inclusão e exclusão no espaço urbano”. In CAMARGO, Ana Maria de A.(Org.). **São Paulo, Metrópole em Mosaico.** São Paulo: CIEE, 2010.

Sites Pesquisados

http://memoria.bn.br/hdb/uf.aspx

http://acervo.folha.com.br/busca_detalhada/

http://www.italpark.pt/index.php?lid=1&page=history.

http://www.westland.net/coneyisland/articles/steeplechase1.htm.

http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/sons_da_velha_metropole.html.

http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_20_30.htm